



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

HARU FIGUEREDO PEREIRA

**AS 3 SOLIDÕES DE KITCHEN: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE LITERÁRIA  
PARA ENTENDER O ESPAÇO DIALÓGICO ENTRE AUTOR, PROTAGONISTA E  
LEITOR SOB UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA**

Brasília  
2024

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

HARU FIGUEREDO PEREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso - monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de diploma de graduação do curso de Licenciatura em Letras-japonês ou Licenciatura em Língua Japonesa e respectiva Literatura da Universidade de Brasília (UnB).  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Kimiko Uchigasaki Pinheiro

HARU FIGUEREDO PEREIRA

**AS 3 SOLIDÕES DE KITCHEN: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE LITERÁRIA  
PARA ENTENDER O ESPAÇO DIALÓGICOS ENTRE AUTOR, PROTAGONISTA E  
LEITOR SOB UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso - monografia  
apresentada como requisito parcial para a obtenção de  
graduação no curso de Licenciatura em Letras-japonês ou  
Licenciatura em Língua Japonesa e respectiva Literatura  
da Universidade de Brasília (UnB).

Aprovado em 23 de agosto de 2024.

Membros da Banca Examinadora da Monografia

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Kimiko Uchigasaki Pinheiro – Universidade de Brasília (UnB)

---

Examinador: Prof. Dr. Fausto Pinheiro Pereira – Universidade de Brasília (UnB)

---

Examinadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Angélica Alencar – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

---

*Dedico à minha mãe, que, desde sempre, insistiu que eu deveria acreditar no meu sonho de entrar na Universidade de Brasília, apesar de a nossa difícil situação socioeconômica sempre dizer o contrário. Obrigado, mãe!*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu gostaria de agradecer minha primeira sensei, Veryanne, que instigou em mim a vontade de cursar Letras japonês. Sem o seu incentivo eu provavelmente teria escolhido um outro curso, sem ter considerado a minha felicidade e vontade quanto estudante, além de sempre ter ajudado a mim e aos meus amigos quando precisávamos. Foi uma honra ser seu aluno, é uma honra ser seu amigo, e será uma honra ser seu colega de formação e profissão.

Aos meus melhores amigos — Marcelo, Lucas, Wanderson e Jhonata —, que, juntamente a mim, viveram uma das melhores épocas da minha vida. Quantas aventuras e desafios vivemos em busca da realização dos nossos sonhos. Sonhos esses que, com certeza, cada um de nós irá alcançar. Amo muito vocês!

Aos professores da monitoria do CIL Gama — Rosário, Marcelinho, Fernanda e Elizete —, que me acolheram na família de voluntários que é a monitoria e me mostraram o prazer de ensinar o próximo. Vocês consolidaram o meu conhecimento de Línguas Estrangeiras e me deram um segundo lar, vocês são, com certeza, parte da minha família. Muito obrigado!

À minha família — Antonia, minha mãe; Kawan, meu irmão; Amanda, minha irmã —, que me agraciou com a alegria de ter a melhor vida de todas, cheia de felicidade, de respeito e de amor. Vocês são o meu verdadeiro presente, aqueles por quem eu me esforcei em entrar na universidade, para quem eu sempre sonhei em dar uma vida melhor, uma vida digna. Eu amo vocês!

Aos meus amigos do trabalho — Vinícius, Sarah, Isabel, João e Gabriel —, que me acolheram no meu primeiro emprego como uma grande família, muito obrigado. Agradeço principalmente ao Vinícius, meu chefe, que mudou a minha vida apenas por acreditar na minha capacidade de eu me tornar um bom Revisor, dedicou seu tempo em me ensinar do zero e enfrentou Deus e o mundo para me ter na equipe. Tenho muita sorte de ter você como meu grande amigo e, obviamente, parceiro de animes. Você é *the world's best boss* (referência de *The Office*).

Finalmente, à minha companheira — Bia —, pessoa que sempre me apoia, que sempre me dá forças, que me traz felicidades nos melhores e piores momentos. Assim como você sempre me apoiou em todas as minhas escolhas e sempre torceu por mim, agora eu também o faço: desejo a você uma excelente jornada na UnB, assim como foi a minha. Obrigado por tudo e te amo!

## RESUMO

Esta pesquisa, no formato de monografia, pretende fazer, sob a ótica bakhtiniana do dialogismo, uma análise literária sobre a solidão na obra *Kitchen*, de Banana Yoshimoto. Buscarei apresentar, além disso, uma tese sobre a existência de 3 diferentes tipos de solidão, uma da autora, uma da protagonista e uma do leitor, utilizando os materiais bibliográficos da pesquisa como apoio. Neste trabalho, será utilizado, além da perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin, a visão de solidão e de espaço literário de Maurice Blanchot, a fim de desenhar alguns panoramas da solidão como um espaço emocional e criativo entre o autor e o leitor. Pretende-se também entender um pouco sobre a universalização da obra e sobre a estética por trás dela, a fim de entender como o dialogismo pode se tornar uma excelente e importante base para a análise literária desta obra.

Palavras-chave: *Kitchen*; Literatura; Dialogismo; Solidão; Banana Yoshimoto.

## ABSTRACT

This research, in the format of an undergraduate thesis, intends to carry out, from the Bakhtinian perspective of dialogism, a literary analysis of loneliness in the romance *Kitchen*, by Banana Yoshimoto. We will also seek to present a thesis about the existence of 3 different types of loneliness, one from the author, one from the protagonist and one from the reader using the research's bibliographic materials as support. In this work, in addition to Mikhail Bakhtin's dialogical perspective, Maurice Blanchot's vision of solitude and literary space will be used, in order to draw some panoramas of solitude as an emotional and creative space between the author and the reader. It is also intended to understand a little about the universalization of the work and the aesthetics behind it, in order to understand how dialogism can become an excellent and important basis for the literary analysis of this work.

Keywords: *Kitchen*; Literature; Dialogism; Solitude; Banana Yoshimoto.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. METODOLOGIA.....	10
3. SOBRE A OBRA.....	11
3.1. Um pequeno resumo de Kitchen.....	12
3.2. O porquê da cozinha.....	13
3.3. A Universalização de Kitchen.....	15
4. O QUE É A SOLIDÃO .....	17
4.1. A solidão de Banana Yoshimoto .....	17
4.2. A solidão de Mikage.....	20
4.3. A solidão do leitor .....	23
4.3.1. Ponto de vista geográfico.....	23
4.3.2. Ponto de vista pessoal.....	25
5. O PAPEL DO DIALOGISMO EM <i>KITCHEN</i> .....	28
5.1. A Estética em Kitchen .....	30
5.2. Como analisar Kitchen por meio de uma ótica dialógica? .....	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	35



# 1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, buscarei argumentar sobre a existência de 3 diferentes tipos de solidão na obra contemporânea *Kitchen*, de Banana Yoshimoto [吉本ばなな], entre o autor, a heroína (protagonista) e o interlocutor (leitor). Para embasar não apenas esse argumento, mas também as referências de modo geral, farei uma análise da obra e das motivações da autora sob os pressupostos da ótica dialógica de Mikhail Bakhtin, a fim de demonstrar a complexa e importante conversa criada em *Kitchen* dentro da criação desse vínculo que se dá através da solidão.

Para tal, farei uma análise profunda sobre a obra *Kitchen* [キッチン] e, também, um apanhado histórico sobre a vida da autora, Banana Yoshimoto — renomada autora da literatura contemporânea japonesa —, associando sua escrita e suas motivações com os conceitos supracitados.

A relevância de estudar a criação desses vínculos dialógicos por meio de temáticas relacionadas a um contexto mais clínico, como a solidão na sociedade contemporânea, em obras literárias japonesas contemporâneas se torna evidente ao considerarmos o contexto globalizado em que vivemos. A literatura, enquanto forma de expressão artística, reflete e molda as percepções sociais, culturais e individuais. No caso de Banana Yoshimoto, a habilidade de tecer narrativas que ressoam em leitores de diversas culturas e *backgrounds* sublinha a universalidade de temas como a solidão, o luto e a busca por identidade, tornando suas obras acessíveis e relevantes para a análise da sociedade e de suas relações sociais em um contexto global.

A escolha de *Kitchen* como objeto de estudo é particularmente significativa devido ao impacto que a obra teve tanto no Japão quanto internacionalmente, principalmente quando pensamos na temática da solidão. Lançada em um período de transição e modernização no Japão, a obra não apenas capturou o espírito da época, mas também influenciou uma geração de leitores e de escritores (cf. Suzuki, 2022, p. 76). Ao explorar os nuances emocionais e sociais das experiências humanas, Yoshimoto cria uma ponte entre o individual e o coletivo, convidando os leitores a refletirem sobre as próprias vidas e conexões.

O uso do conceito bakhtiniano do dialogismo proporciona uma estrutura teórica robusta para analisar como Yoshimoto constrói e mantém essa conversa em suas narrativas. O dialogismo, com sua ênfase na interação entre múltiplas vozes e perspectivas, é particularmente útil para entender a complexidade das relações entre os personagens e como essas interações refletem e desafiam as normas sociais, principalmente quando pensamos o período social usado pela autora para contextualizar a recepção da obra e como ela dialoga com os valores e expectativas da sociedade japonesa contemporânea.

Ao longo deste trabalho, será demonstrado como Banana Yoshimoto, através de sua escrita sensível e profundamente humana, consegue criar um espaço no qual os leitores não apenas testemunham as histórias dos personagens, mas também, possivelmente, se veem refletidos nelas. Essa capacidade de gerar empatia e introspecção é um dos motivos pelos quais suas obras continuam a ser constantemente estudadas e apreciadas. Por meio de uma análise detalhada de *Kitchen*, buscarei elucidar como a autora utiliza sua narrativa para

construir possíveis pontes emocionais e sociais entre seus leitores, criando uma experiência literária que transcende barreiras culturais e temporais.

Estabeleceremos, dentro desta análise, uma base para a exploração dos temas centrais deste trabalho: a criação de vínculos literários por meio da solidão e a relevância de conceitos bakhtinianos na análise da literatura contemporânea japonesa, mais especificamente desta obra. Através do estudo de *Kitchen* e da trajetória de Banana Yoshimoto, espero demonstrar como a literatura contemporânea japonesa pode servir como um espelho e uma ponte, nos quais é possível refletir nossas experiências e nos conecta a outras realidades, ampliando nossa compreensão do mundo e de nós mesmos, bem como nos ajudar a compreender como podemos tratar de temáticas fundamentais como a solidão — aspecto que afeta a todos.

Assim, todo o escopo e desenvolvimento desta pesquisa buscará responder à seguinte pergunta: Como *Kitchen* pode influenciar na compreensão de temáticas pouco exploradas como a saúde mental, mais especificamente, a solidão?

## 2. METODOLOGIA

Para a metodologia, optei por adotar uma abordagem mista, combinando elementos tanto qualitativos quanto exploratórios. Essa escolha metodológica se baseia na flexibilidade e profundidade que a pesquisa qualitativa oferece, permitindo uma investigação mais abrangente e contextualizada do fenômeno em estudo. A abordagem mista, conforme detalhada por John W. Creswell em sua obra *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods*, é especialmente útil em estudos que buscam compreender tanto as percepções subjetivas quanto os dados empíricos. Esse método se destaca por ser um processo não estruturado e adaptável, o que permite ao pesquisador explorar diferentes ângulos e nuances do tema investigado.

No contexto desta pesquisa, a metodologia adotada será predominantemente qualitativa, com foco em uma análise detalhada e interpretativa dos dados coletados. A flexibilidade da abordagem qualitativa permitirá que a investigação se adapte às descobertas ao longo do processo, proporcionando uma compreensão mais rica e profunda das questões em pauta. A natureza exploratória da pesquisa também será fundamental, pois possibilitará a descoberta de novos insights e a formulação de hipóteses a partir da análise dos dados. Isso significa que a pesquisa não estará restrita a um caminho predefinido, mas sim aberta a novos direcionamentos conforme as evidências emergirem.

Para garantir uma base sólida na investigação, a pesquisa se debruçará sobre um extenso desenvolvimento bibliográfico, abrangendo tanto fontes específicas quanto não específicas relacionadas ao tema. A revisão bibliográfica será essencial para contextualizar o estudo dentro do campo de conhecimento existente, permitindo uma análise comparativa e crítica das teorias e conceitos que sustentam o argumento proposto. Essa etapa da metodologia não só fundamentará a pesquisa, mas também ajudará a identificar lacunas no conhecimento atual, que poderão ser exploradas na investigação.

Por fim, a abordagem mista adotada visa a comprovação ou não do argumento central da pesquisa, utilizando tanto a análise qualitativa profunda quanto os insights gerados pela exploração de dados. Essa combinação metodológica permitirá uma investigação robusta e abrangente, capaz de abordar a complexidade do tema em estudo. Além disso, a escolha de uma metodologia flexível e adaptável, conforme defendida por Creswell, reforça o compromisso com uma pesquisa rigorosa e relevante, capaz de contribuir significativamente para o campo de estudo.

### 3. SOBRE A OBRA

*Kitchen* foi lançada no Japão em 1988, chegando a vencer diversos prêmios, como o da Revista Kaien [海燕] em 1987. Foi traduzida em mais de 20 línguas, incluindo o português brasileiro em 1995. Mesmo recebendo o título de *Kitchen*, a obra é um compilado de dois romances diferentes, *Kitchen* e *Moonlight Shadow* [ムーンライト・シャドウ], sendo este último um romance curto geralmente integrado ao primeiro em algumas edições.

Banana Yoshimoto, pseudônimo da autora Yoshimoto Mahoko [吉本真秀子], nascida em 1964, é uma escritora contemporânea japonesa que se tornou bastante conhecida no Japão pela estreia surpreendente de sua primeira obra, *Kitchen*, obra escrita enquanto ainda era uma garçonete em um restaurante.

Veremos que, em *Kitchen*, a dor social e a necessidade de criação de vínculos são pontos centrais para Mikage, Yuichi, Eriko e os demais personagens da obra. Mas, antes disso, irei abordar os traços de solidão da protagonista e narradora do romance, Mikage.

A estrutura de *Kitchen* é peculiar, pois combina duas narrativas distintas que se complementam de maneira profunda e emocional. A história principal gira em torno de Mikage Sakurai, uma jovem que se sente mais à vontade na cozinha do que em qualquer outro lugar, e que enfrenta a perda de sua avó, sua última parente viva. Em meio ao luto, Mikage é acolhida por Yuichi Tanabe e sua mãe trans, Eriko. A partir dessa convivência, surgem laços que ajudam Mikage a superar sua dor e a encontrar um novo sentido para sua vida. O segundo conto, *Moonlight Shadow*, aborda outra forma de luto e recuperação, destacando a sensibilidade de Yoshimoto ao tratar desses temas universais; este último conto, entretanto, não será abordado nesta pesquisa.

Banana Yoshimoto cria em *Kitchen* uma atmosfera intimista, na qual os detalhes do cotidiano ganham significado e profundidade. A cozinha, por exemplo, não é apenas um espaço físico, mas um símbolo de nutrição emocional e de conexão entre as personagens — falarei mais profundamente sobre as simbologias da cozinha mais adiante. As descrições detalhadas dos pratos e dos rituais culinários conferem à narrativa um tom quase meditativo, permitindo que o leitor mergulhe na experiência sensorial dos personagens. Essa abordagem torna a obra acessível e ressonante, independentemente da cultura do leitor.

Outro aspecto notável de *Kitchen* é a caracterização dos personagens, que são complexos e multifacetados. Mikage, Yuichi e Eriko são apresentados com uma honestidade crua, revelando suas vulnerabilidades e forças de maneira autêntica. Eriko, em particular, desafia as normas sociais japonesas e oferece uma perspectiva progressista sobre identidade de gênero; e sua representação sensível e respeitosa contribui para a universalidade da obra, permitindo que leitores de diversas origens se conectem com suas experiências.

O estilo de escrita de Yoshimoto é outro fator que contribui para a popularidade e o impacto de *Kitchen*. Sua prosa é direta, mas poética, conseguindo capturar a profundidade emocional dos personagens sem recorrer a excessos literários. A simplicidade e a clareza de sua linguagem tornam a obra acessível a uma ampla gama de leitores ao mesmo tempo em que permite uma exploração profunda de temas complexos como o luto e a solidão. Essa combinação de acessibilidade e profundidade é uma das marcas registradas de Yoshimoto, e ajuda a explicar o apelo duradouro de suas obras.

A recepção crítica de *Kitchen* foi extremamente positiva, tanto no Japão quanto internacionalmente. O sucesso da obra abriu portas para outras escritoras japonesas contemporâneas e ajudou a trazer a literatura japonesa para um público global. A tradução de *Kitchen* para mais de 20 línguas é um testemunho de sua relevância e impacto cultural. Além disso, o reconhecimento de prêmios e a adaptação da obra para outros formatos, como o cinema, solidificaram seu lugar como um clássico da literatura contemporânea japonesa.

A influência de *Kitchen* também pode ser observada na forma como Yoshimoto aborda temas de identidade e transformação, especialmente no contexto das mudanças culturais e sociais no Japão contemporâneo. A obra reflete uma geração que lida com a transição entre as tradições japonesas e as influências ocidentais, manifestando-se tanto nos relacionamentos dos personagens quanto nos espaços que habitam. A cozinha, como um espaço central, serve como um ponto de encontro entre o velho e o novo, no qual Mikage, Yuichi e Eriko exploram suas próprias identidades em meio às incertezas da vida moderna.

Além disso, a abordagem de Yoshimoto na obra ressoa profundamente nos leitores devido à sua capacidade de capturar os nuances emocionais dos personagens em momentos de perda e renascimento. A obra não apenas explora o luto de maneira introspectiva, mas também celebra a resiliência e a capacidade humana de encontrar conforto e significado em pequenas coisas do cotidiano. Essa perspectiva, que equilibra dor e esperança, contribui para a longevidade da obra e sua capacidade de tocar leitores de diferentes épocas e culturas. *Kitchen* continua a ser um exemplo brilhante de como a literatura pode oferecer um reflexo profundo das experiências humanas mais íntimas e universais.

### 3.1. Um pequeno resumo de *Kitchen*

*Kitchen*, de Banana Yoshimoto, é um romance que mergulha profundamente nos temas do luto, da solidão e da busca por conexão e identidade em meio à dor. A história acompanha Mikage Sakurai, uma jovem que,

após a morte de sua avó, se vê completamente sozinha no mundo. A avó era sua única família, e a morte dela deixa Mikage perdida e desamparada. Desconectada do mundo ao seu redor, ela encontra conforto apenas na cozinha da casa onde vivia com a avó, um espaço que simboliza tanto a presença reconfortante de sua avó quanto a segurança de uma rotina conhecida.

O curso de sua vida muda quando Yuichi Tanabe, um jovem que trabalhava em uma floricultura frequentada por sua avó, a convida para morar com ele e sua mãe, Eriko. Yuichi é uma figura enigmática e gentil, e sua mãe, Eriko, é uma mulher transgênero que administra um bar noturno. Ao aceitar o convite, Mikage se muda para a casa de Yuichi e Eriko, onde a cozinha novamente se torna um refúgio. Este novo ambiente oferece a Mikage uma nova perspectiva, permitindo que ela comece a processar sua dor de maneira diferente, encontrando uma espécie de cura através das pequenas tarefas e rotinas diárias que realiza na cozinha.

Conforme Mikage se adapta à sua nova vida, o vínculo entre ela, Yuichi e Eriko se fortalece, criando uma espécie de família não convencional, mas profundamente significativa. No entanto, a narrativa toma um rumo trágico quando Eriko é assassinada, o que desencadeia uma nova onda de dor e luto tanto para Mikage quanto para Yuichi. Agora, os dois jovens, cada um carregando seu próprio fardo de perdas, são forçados a confrontar suas emoções e a descobrir como continuar a viver em meio a tanta dor.

A tragédia os aproxima ainda mais, e a relação entre Mikage e Yuichi evolui para algo mais profundo e complexo, baseado na compreensão mútua e no apoio emocional. O romance explora como os personagens, mesmo em meio à escuridão, encontram maneiras de se sustentar, mostrando a resiliência do espírito humano e a importância das conexões que estabelecemos com aqueles ao nosso redor. Através de sua interação com Yuichi, Mikage aprende a lidar com a perda e a solidão, descobrindo que, embora o luto seja uma parte inevitável da vida, ele também pode ser uma oportunidade para crescimento e renovação.

No final, *Kitchen* é um retrato sensível e poético da vida, mostrando que, mesmo nas situações mais desoladoras, é possível encontrar consolo e esperança nas conexões humanas e nas pequenas alegrias do cotidiano. A obra de Yoshimoto nos lembra que, embora a perda e a dor sejam constantes em nossas vidas, a capacidade de se reconectar com os outros e encontrar beleza nas coisas simples é o que nos permite continuar em frente.

### 3.2. *O porquê da cozinha*

Toda a solidão de Mikage desemboca na cozinha. Esse lugar tem muita simbologia na obra. Quando a personagem entra na casa de Eriko e Yuichi, o primeiro cômodo que repara é a cozinha. Ela descreve: “Era uma boa cozinha. Apaixonei-me por ela à primeira vista” (Yoshimoto, 1993, p. 16, tradução nossa).

Mikage também não consegue explicar o porquê dessa atração por cozinhas, e chega até a se questionar no seguinte trecho: “Por que gosto tanto de tudo que tem a ver com cozinha? É estranho. Para mim, a cozinha

talvez represente um desejo distante, gravado na memória da alma. De pé, no meio da cozinha, tudo parecia recomeçar, e alguma coisa estava de volta” (*Ibid.*, p. 64).

Kellerman, em seu artigo *A room of her own in Banana Yoshimoto's Kitchen* (2010), afirma que as funções da cozinha são para Mikage uma metáfora para um tipo de “bom lugar”. Segundo ele: “(...) um lugar confortável e seguro, onde ela poderia ser ela mesma e ficar em paz” (2010, p. 54, tradução nossa). Kellerman também afirma que a cozinha remete aos aspectos de feminilidade:

“Ela [Mikage] usa as várias cozinhas no romance de duas maneiras: para nutrir outros personagens com sua culinária (um símbolo de conforto e feminilidade), mas, mais importante, para nutrir e satisfazer emocionalmente a si mesma (como um meio de viver de forma independente). Dessa forma, ela cumpre tanto um papel tradicional quanto um papel inovador, forjando sua própria identidade no contexto das mudanças dos papéis das mulheres no Japão” (*Idem*).

Ainda no contexto de explicações simbólicas providas por Kellerman, dentro da obscuridade da solidão, a cozinha serve metaforicamente como um local para manifestar as tensões de uma mulher japonesa contemporânea. Kellerman, citando o artigo *Sexing the Kitchen* (2000), de Sadra Buckley, escreve:

(...) na cultura japonesa, a cozinha não é simplesmente uma sala, um espaço arquitetônico dedicado à culinária. Em vez disso, é um lugar onde “o discurso oficial sobre identidade nacional, gênero, sexualidade, família e maternidade é encenado contra a paisagem imaginária de memórias reais e encontradas e imagens de vidas individuais” (*Idem*).

Mesmo existindo tantos aspectos sociais que tentem explicar a simbologia da “cozinha”, e, obviamente, não excluindo nenhuma das opções levantadas por Kellerman, acredito que, na verdade, para Mikage, são exatamente essas diferentes simbologias para a cozinha que fazem dela um lugar tão querido para Mikage. Ou seja, todos esses aspectos têm função na construção da cozinha como um “bom lugar”: a busca por uma vida mais independente e mais igualitária, característica muito presente nas diversas reivindicações de movimentos feministas ao longo da história da humanidade;<sup>1</sup> a cozinha sendo um símbolo ideológico de identidade nacional, de gênero, de sexualidade, de família e de maternidade; e, por fim, talvez como motivo principal, como símbolo representativo de sua base familiar, um lembrete vívido que mostra uma realidade passada na qual Mikage não estava só, um lugar de lembranças positivas.

Esse pensamento multifacetado também é válido para Kellerman, que conclui: “*Kitchen* explora os variados conflitos enfrentados pelas mulheres japonesas contemporâneas enquanto tentam encontrar os modelos adequados para a família, carreira e amor romântico” (*Idem*). Assim, é possível definir que, ao usar a cozinha como espaço para a construção narrativa, Banana, talvez até mesmo de maneira subconsciente, enxergou um espaço extremamente significativo, que correspondesse aos diversos pensamentos possíveis, tanto de Mikage quanto do leitor.

---

<sup>1</sup> Cf. REDAÇÃO BRASIL PARALELO. Quais são as principais reivindicações do movimento feminista? **Brasil Paralelo**, 18 abr. 2022.

Além de funcionar como um símbolo multifacetado, a cozinha em *Kitchen* serve como um microcosmo do universo interior de Mikage. Ela é o espaço onde a protagonista pode processar suas emoções e, de certa forma, refazer seu mundo após a perda devastadora de sua avó. Ao se imergir no ambiente da cozinha, Mikage encontra um refúgio onde a vida cotidiana adquire uma qualidade ritualística, transformando o ato de cozinhar em um processo terapêutico. Esse espaço, portanto, não é apenas um lugar de sustento físico, mas também de renovação espiritual, onde Mikage pode reconstruir sua identidade e encontrar um senso de estabilidade em meio ao caos emocional.

Ademais, a escolha da cozinha como símbolo central também permite que a obra dialogue com as transformações sociais e culturais do Japão contemporâneo, especialmente no que diz respeito ao papel das mulheres. A cozinha, tradicionalmente vista como um espaço feminino e doméstico, é reconfigurada por Yoshimoto para refletir as aspirações de autonomia e igualdade de Mikage. Tal espaço se torna uma metáfora poderosa para a luta interna e externa de Mikage por uma vida que transcenda as expectativas sociais restritivas, mostrando que o simples ato de cozinhar pode ser tanto um retorno às raízes quanto um passo em direção à independência pessoal e à redefinição dos papéis de gênero. Assim, a cozinha na obra se torna um símbolo de resistência e resiliência, onde as tensões entre o tradicional e o moderno se manifestam e são negociadas por Mikage.

Através dessa resignificação da cozinha, Yoshimoto também desafia as normas tradicionais da narrativa feminina na literatura japonesa. Enquanto a cozinha historicamente representa um espaço de confinamento e repetição de papéis de gênero, em *Kitchen*, ela se transforma em um local de emancipação e autodescoberta. Mikage não apenas ocupa este espaço, mas o redefine, utilizando-o como uma plataforma para explorar sua identidade e estabelecer sua independência. A cozinha, portanto, não é mais um símbolo de submissão, mas sim de poder e agência, onde Mikage assume o controle de sua vida e destino, navegando entre as expectativas culturais e suas próprias aspirações pessoais.

Além disso, essa transformação da cozinha em um espaço de resiliência também reflete a evolução do papel da mulher na sociedade japonesa pós-moderna. Em um contexto no qual as mulheres começam a desafiar as convenções sociais e a buscar novas formas de expressão e autonomia, a cozinha em *Kitchen* se torna um reflexo dessas mudanças. Ela representa tanto a continuidade com o passado quanto a ruptura necessária para a construção de uma nova identidade feminina. Yoshimoto, assim, utiliza a cozinha não apenas como cenário, mas como um personagem em si, carregado de significados e simbologias que dialogam com as complexidades da experiência feminina na modernidade, tornando-a um elemento essencial para a compreensão da jornada de Mikage e, por extensão, da condição da mulher contemporânea.

### 3.3. *A Universalização de Kitchen*

Tanto a narrativa quanto a argumentação de *Kitchen* são um retrato visível da vivência e das experiências de Banana, que se baseiam, principalmente, em sua ótica mais progressista, como o luto, a solidão e a transexualidade. No entanto, essas motivações não foram adquiridas por acaso. A família teve uma grande influência para Banana, tanto na sua formação social quanto em sua escrita. Isso aconteceu porque, assim como ela, os membros de sua família também são artistas: o pai, Takaaki Yoshimoto [吉本隆明], foi um filósofo, poeta e crítico literário; e a irmã, Haruno Yoiko [宵子ハルノ], uma bem-sucedida cartunista.

Takaaki Yoshimoto, também conhecido como Ryūmei Yoshimoto, foi uma figura muito importante para diversos cenários no Japão, inclusive para o político. Takaaki é lembrado como o fundador da Nova Esquerda no Japão; foi também um grande ativista para os movimentos estudantis. Na literatura, Takaaki criticou os escritores de sua época, estando à frente de um movimento para forçar os escritores a confrontarem as suas realidades como colaboradores em tempos de guerras.

Viveu com uma família com um *background* tão progressista no âmbito artístico e político; por influência do pai, Banana Yoshimoto aprendeu muito sobre a importância da literatura para a sociedade, e também da sua importância na representação da sociedade e de seus problemas. É possível ver essa influência claramente em *Kitchen*, que é, assim como Takaaki idealizava, um espelho de um problema social, a solidão.

Ao adentrarmos sobre a importância da obra para os jovens — público-alvo da obra de acordo com Akiyoshi Suzuki<sup>2</sup> —, vemos que Suzuki, em seu artigo *A dream kitchen for the youth in the East and the West*, diz que a escrita de Banana não está restrita apenas ao “gosto” japonês, ela é, na verdade, universal: “(...) A sensação de solidão que a escritora Banana Yoshimoto esclarece em sua obra, *Kitchen*, não é exclusiva à mente e à sociedade japonesa; é universal” (Suzuki, 2022, p. 76, tradução nossa).

Sendo assim, observa-se aqui um dos principais motivos para a escolha de *Kitchen* como objeto para o desenvolvimento desta pesquisa, a não restrição geográfica, que, posteriormente, entenderemos ser uma importante característica da estética da literatura contemporânea para a criação de um forte vínculo entre o autor e a obra, bem como entre estes e o leitor.

O momento histórico e o meio social da autora permitem que ela alcance não apenas os jovens do Japão, mas os de todo o mundo. Poderíamos dizer, entretanto, que o período contemporâneo japonês está repleto de influências e de temáticas tanto orientais quanto ocidentais, oriundas das diversas mudanças ocorridas no arquipélago, como: a influência chinesa, na escrita, na fala e no sistema político; a influência europeia — principalmente portuguesa —, por parte dos jesuítas; a influência norte-americana, com o Pós-Segunda Guerra Mundial, por meio do milagre econômico e da tentativa de imposição do *american way*<sup>3</sup> no país etc.

---

<sup>2</sup> Professor de Literatura Americana e Literatura Comparativa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Nagasaki, no Japão.

<sup>3</sup> Tratava-se de um movimento estadunidense que visava impedir o avanço do comunismo nos países após a Segunda Guerra mundial. Movimento esse que o Japão não apenas adotou, mas reinventou à nova realidade do país.



Essas e outras influências moldaram uma Era Moderna muito particular no país, e foi também por essa Era que Banana foi extremamente influenciada. Sua preocupação tanto com seus personagens quanto com seus leitores (oriundos também, como vimos anteriormente, do pensamento de seu pai) fez com que *Kitchen* se tornasse não apenas um sucesso no Japão, mas um fenômeno no Ocidente. Dando-se principalmente pela sua linguagem mais humana, mais progressista, mais interativa, mais singular. É preciso, de fato, muita coragem e responsabilidade para um contemporâneo falar tão abertamente e tão humanamente sobre temas como a morte, o luto ou a realidade transexual do país.

Banana se preocupou em criar narrativas que pudessem ser relacionadas e vividas de maneira profunda. As temáticas da obra atingiam mais os jovens [“os aficionados em *Kitchen* ao redor do mundo eram exclusivamente pessoas que experienciaram a adolescência depois da metade de 1980, quando *Kitchen* foi publicada no mundo inteiro” (*idem*)], pois, além de poder se enxergarem nos personagens, alguns podem até mesmo compartilhar os sentimentos de angústias e os sofrimentos, como sugerem várias pesquisas na área da saúde mental e da psicologia atualmente.<sup>4</sup> A solidão e o luto são experiências muito subjetivas e singulares, são uma característica biológica de todo indivíduo, uma função social que Banana, com toda sua influência e capacidade literária, procura deixar bastante clara em *Kitchen*.

## 4. O QUE É A SOLIDÃO

A solidão é uma experiência totalmente subjetiva e individual. É uma característica biológica de todo indivíduo, uma função social.<sup>5</sup> Assim como, por um lado, a fome faz com que prestemos atenção em necessidades físicas, por outro lado, a solidão faz com que prestemos atenção em necessidades sociais.

Veremos que, em *Kitchen*, a necessidade de criação de vínculos é um dos pontos centrais para Mikage, para Yuichi, para Eriko e, ademais, para os personagens secundários presentes na obra — que não são o escopo desta análise. Mas, antes disso, mostrarei um pouco mais como a solidão se apresenta pelas óticas da autora, da protagonista e do leitor.

### 4.1. A solidão de Banana Yoshimoto

Vamos aqui tentar explicar a ideia por trás da possibilidade ou não da existência de uma solidão inerente da autora. Não quero dizer aqui que, para que autora pudesse ter escrito *Kitchen*, ela deveria ter passado por traumas, ou até ter perdido sua família, assim como aconteceu com Mikage — sua heroína —,

---

<sup>4</sup> Para mais aprofundamento no assunto levantado cf. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Americans Anticipate Higher Stress at the Start of 2023 and Grade Their Mental Health Worse*. APA, 21 dez. 2021 e também GRAMLICH, John. *Mental health and the pandemic: What U.S. surveys have found*. **Pew Research Center**, 2 mar. 2023.

<sup>5</sup> CACIOPPO, John T.; PATRICK, William **Loneliness: Human Nature and the Need for Social Connection**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1º ago. 2009.

mas que a solidão é algo inerente do autor e é fundamental para a criação de uma narrativa de modo geral, que é um fato advindo do ofício de escritor; teoria essa que tentaremos entender mais adiante.

Banana Yoshimoto cresceu em um ambiente artístico e intelectual, sendo filha do renomado filósofo e poeta Takaaki Yoshimoto e irmã da cartunista Haruno Yoiko. Essa atmosfera familiar, embora rica em estímulos culturais, pode ter contribuído para uma percepção aguda da solidão. Cercada por indivíduos imersos em seus próprios mundos criativos, Yoshimoto pode ter desenvolvido uma sensibilidade especial para os sentimentos de isolamento e introspecção. Essa sensibilidade é claramente refletida na profundidade emocional de suas personagens, que frequentemente lidam com questões de solidão e conexão humana.

A solidão, para Yoshimoto, parece ser uma fonte de inspiração criativa. Em suas obras, ela explora a complexidade desse sentimento, não apenas como um estado de tristeza, mas como uma condição que pode levar ao autoconhecimento e ao crescimento pessoal. Em *Kitchen*, por exemplo, Mikage utiliza sua solidão como uma forma de introspecção, permitindo-se sentir e entender suas próprias emoções em profundidade. Esse processo de autoexploração é um tema recorrente nas obras de Yoshimoto, destacando a solidão como um aspecto inevitável e até necessário da experiência humana.

Além disso, a solidão em *Kitchen* não é retratada apenas como um estado negativo. Ao contrário, Yoshimoto, muitas vezes, mostra como a solidão pode levar a momentos de clareza e de compreensão. Para Mikage, a solidão após a perda de seus entes queridos é o que a impulsiona a encontrar um novo sentido de propósito e conexão com os outros. Esse retrato multifacetado da solidão reflete uma visão mais equilibrada e realista da condição humana, no qual os momentos de isolamento são tanto uma fonte de dor quanto uma oportunidade para o renascimento emocional.

Yoshimoto também utiliza a solidão como um elemento estilístico em sua narrativa. Sua escrita, frequentemente caracterizada por um tom melancólico e introspectivo, captura a essência da solidão de maneira sutil e poética. Os cenários descritos em *Kitchen*, como a cozinha silenciosa à noite, servem para intensificar o sentimento de isolamento das personagens, ao mesmo tempo em que oferecem um espaço para a contemplação e a autodescoberta.

O impacto da solidão na obra de Yoshimoto pode ser também visto como uma resposta às mudanças sociais e culturais no Japão contemporâneo. Nas últimas décadas, o Japão tem enfrentado um aumento significativo na taxa de pessoas que vivem sozinhas, bem como uma crescente sensação de desconexão em uma sociedade altamente urbanizada.<sup>6</sup>

Em última análise, a solidão inerente à obra de Banana Yoshimoto é um componente central de sua estética literária. Ela utiliza essa emoção universal para criar personagens e narrativas que são profundamente humanas e reconhecíveis. Através da exploração da solidão, Yoshimoto convida os leitores a confrontarem suas próprias experiências de isolamento, oferecendo uma forma de catarse e compreensão. A solidão, em suas

---

<sup>6</sup> Cf. SAITO, Masashige *et al.* Cross-national comparison of social isolation and mortality among older adults: A 10-year follow-up study in Japan and England. **Geriatrics & Gerontology International**, 2020.

obras, torna-se não apenas uma fonte de dor, mas também um catalisador para a transformação e o crescimento, tanto para os personagens quanto para os leitores.

Mas como explicar, de fato, uma provável solidão inerente da autora no desenvolvimento de *Kitchen*? Bom, a fim de tentar argumentar essa ideia, peguemos a teoria de Maurice Blanchot — escritor, ensaísta, romancista e crítico de literatura francês do século XX —, que acreditava que a escrita é uma experiência solitária, e que ela é uma condição fundamental para a criação artística.

Blanchot argumenta que a solidão do escritor é uma experiência-limite, que permite a emergência da linguagem literária. Blanchot afirma que

(...) a obra — a obra de arte, a obra literária — não é acabada nem inacabada: ela é. O que ela nos diz é exclusivamente isso: que é — e nada mais. Fora disso, não é nada. Quem quer fazê-la exprimir algo mais, nada encontra, descobre que ela nada exprime. Aquele que vive na dependência da obra, seja para escrevê-la, seja para lê-la, pertence à solidão do que só a palavra “ser” exprime: palavra que a linguagem abriga dissimulando-a ou faz aparecer quando se oculta no vazio silencioso da obra (1987, p. 12).

Pode-se assumir, por essa primeira ótica apresentada por Blanchot, que, tanto a autora quanto o leitor, estão intrinsecamente ligados à obra literária e dependem dela para a experiência de criação e de interpretação. Quando Blanchot diz que autor e leitor pertencem à solidão, ele se refere ao “ser”, ao essencial, à existência na sua forma mais pura, um diálogo solitário em busca de uma completude, em busca de uma resposta. Ou seja, pode-se dizer que Blanchot está se referindo à solidão em sua forma mais simples, a solidão existencial. A solidão, nesse caso, não é apenas uma temática para Blanchot, mas uma condição necessária para a criação e para a apreciação da obra literária.

Essa busca por uma verdade mais profunda (a completude da sua obra), de acordo com Blanchot, coloca o escritor em um estado de isolamento, no qual ele se distancia do mundo comum para acessar uma verdade profunda e essencial. Ele vê a escrita como um processo de desaparecimento do autor, no qual o escritor se ausenta para que a obra possa se afirmar independentemente.

Yoshimoto, através de sua narrativa, permite que a solidão de seus personagens fale por si mesma, criando uma conexão direta com o leitor. Essa ausência do autor e a presença intensa da solidão dos personagens ressoam com a noção de Blanchot de que a solidão é a base sobre a qual a comunicação literária se constrói. A solidão de Yoshimoto não é apenas temática, mas estrutural, permeando cada aspecto de sua escrita.

Mikage e outros personagens de Yoshimoto utilizam a comunicação, seja verbal ou emocional, para navegar através de sua solidão e encontrar momentos de conexão e entendimento. A solidão aqui não é superada, mas transformada através da linguagem e do diálogo, alinhando-se com a visão de Blanchot de que a literatura oferece um espaço de encontro entre solitários, onde o escritor e o leitor compartilham uma experiência comum de isolamento e busca de sentido:

Quando ele (Yuichi) viu a fotografia da minha avó no altar, novamente suas lágrimas caíram como chuva. Meu primeiro pensamento foi que meu amor por minha própria avó não era nada comparado ao daquele garoto, quem quer que ele fosse. Ele parecia tão triste. Então, enxugando o rosto com o lenço, ele disse, “deixe-me ajudar com alguma coisa”. Depois disso, ele me ajudou bastante (Yoshimoto, 1993, p. 5).

A solidão inerente em Yoshimoto pode ser entendida como uma expressão da condição humana universal, que Blanchot vê como central para a literatura. Através da lente de Blanchot, é possível ver que a solidão em *Kitchen* não é apenas um tema, mas um estado de ser que define a experiência humana e a própria natureza da escrita. Yoshimoto, ao explorar essa solidão inerente, revela a profundidade da experiência humana e a complexidade das relações interpessoais, usando a literatura como um meio para compreender e expressar a essência da solidão delineada por Blanchot, que no caso de Mikage, era um sentimento de solidão e medo que sempre a acompanharam, mesmo que ela nunca houvesse pensado neles: “Na verdade, quando eu morava com a minha avó isso não passava pela minha cabeça; eu adorava isso. Mas parando para pensar, eu não consigo deixar de pensar que, lá no fundo, eu estava sempre, o tempo todo, com medo: ‘minha avó morrerá’”.

A solidão de Yoshimoto, como discutida por Blanchot, não apenas molda a narrativa, mas também serve como um canal através do qual a autora se conecta com aqueles que leem sua obra. A solidão, nesse contexto, transcende o isolamento pessoal para se tornar uma experiência compartilhada. Ao escrever sobre personagens que enfrentam a solidão de maneiras tão palpáveis e universais, Yoshimoto convida os leitores a refletirem sobre suas próprias experiências de solidão, estabelecendo um vínculo tácito entre criador e receptor.

Essa abordagem ressalta como a solidão pode ser, ao mesmo tempo, um fardo e uma ferramenta. Para Yoshimoto, e sob a ótica de Blanchot, a solidão é o que permite ao escritor explorar as profundezas de suas próprias emoções e trazer à tona verdades que ressoam com os leitores. Em *Kitchen*, essa solidão é tanto um reflexo do mundo interior da autora quanto uma manifestação das realidades externas de seus personagens. Assim, a solidão se torna não apenas um tema literário, mas uma condição necessária para a criação e apreciação da obra, onde a introspecção do autor encontra eco na introspecção do leitor, criando uma experiência literária que é, em última análise, profundamente humana e universal.

#### 4.2. *A solidão de Mikage*

A fim de entender sobre a solidão de Mikage, é importante compreender que a nossa protagonista estava vivenciando um processo de luto, resultado da tragédia que aconteceu com seus pais e sua avó. E o que exatamente seria o luto e qual a sua relação com a solidão?

Segundo a obra *On Death and Dying*, de 1969, da pesquisadora e psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross, o luto é um processo que se estende em 5 etapas: (i) negação; (ii) raiva; (iii) barganha; (iv) depressão; e (v)

aceitação. Processos inerentes a todas as pessoas que passa pela experiência de perder alguém que lhe é querido.

Mikage, contudo, não chegou a passar por todas essas etapas, pelo menos não é possível inferir todos os processos pela obra, visto que a protagonista, logo nas primeiras páginas, mostra que já possui pensamentos referentes à quarta etapa (depressão), quando diz: “agora, apenas restamos eu e a cozinha; é um pouco melhor do que ficar totalmente sozinha” (Yoshimoto, 1993, p. 2); e, em seguida, já passa para a quinta etapa (aceitação): “eu constantemente penso que, quando a hora da minha morte chegar, gostaria que meu último suspiro fosse na cozinha” (*Idem*).

Mas é possível pular essas etapas definidas por Elisabeth? Na verdade, sim, é possível. De acordo com o artigo do site *Viva Bem*,<sup>7</sup> que reuniu os pensamentos de alguns estudiosos da psicologia, nem todas as pessoas seguem essas etapas de forma linear:

Uma questão importante é que algumas pessoas se fixam em determinadas fases, como a negação ou a raiva, o que as impede de conseguir elaborar emocionalmente aquilo que estão passando no momento, o que faz, inclusive, que fiquem paralisadas e não busquem ajuda. Além disso, é necessário considerar o chamado processo dual elaborado pelos psicólogos holandeses Margaret Stroebe e Henk Schut entre 1999 e 2001, que descreve o luto como uma experiência oscilatória: ora o enlutado está orientado para a perda, ora está orientado para restauração da vida.

Por tanto, às vezes, algumas pessoas podem até se concentram em algumas etapas específicas, o que poderia se aplicar ao caso de Mikage, que se concentra nas duas últimas etapas do luto descritas por Elisabeth — depressão e aceitação.

A cozinha moderna da casa de Yuichi — um amigo de sua falecida avó que acolheu Mikage após a tragédia — foi o cômodo que Mikage escolheu quando Yuichi pediu para que ela escolhesse um lugar na sua casa para fazer um *tour*. Foi também na cozinha do apartamento de sua avó que Mikage escolheu estender seu futon [布団],<sup>8</sup> depois da morte dela. É um lugar onde Mikage, não importa onde esteja, se sente acolhida, e também o lugar que ela usa para tentar desviar do caminho do luto, um lugar para se sentir bem.

Durante toda a narrativa, Mikage reflete sobre a solidão que a persegue. Seus questionamentos são, na verdade, recorrentes: “Quando foi que compreendi que, neste caminho escuro e solitário que todos caminhamos, a única luz possível é a que vem de dentro de todos nós? Mesmo tendo sido criada com amor, sempre me senti só” (Yoshimoto, 1993, p. 21). De suas dúvidas mais sombrias, surge uma conclusão igualmente tenebrosa: “Um dia, com certeza, todos se perderão nas trevas do tempo e desaparecerão. Sempre vivi com esse pensamento enraizado no meu ser” (*Idem*).

---

<sup>7</sup> NORONHA, Heloísa. “Quem não chora não liga”: mitos sobre luto que todo mundo deveria saber. **Viva Bem**, 25 maio 2021.

<sup>8</sup> Um futon 布団 é um tipo de colchão usado na tradicional cama japonesa. Os futons são baixos, com cerca de 5 cm de altura, e têm no interior algodão, lã ou material sintético.

Quando a solidão se torna crônica, o cérebro entra em estado de autopreservação, vendo perigo e hostilidade em todos os lugares. Por essa razão, talvez, a personagem se imagina em um futuro sombrio e sem perspectivas em alguns momentos da narrativa.

A solidão de Mikage é tão intensa que ela consegue ver hostilidade até mesmo nas condições atmosféricas. Após receber um telefonema de seu ex-namorado, Sotaro [宗太郎], Mikage relata: “Enquanto marcamos o encontro, olhei pela janela. O céu estava cinza-chumbo.” (*ibid.*, p. 25). Ainda assim, como vimos acima, a criação de vínculos é essencial para tratar a dor social. Quando é marcado o encontro com Sotaro, é afirmado: “As ondas de nuvens eram arrastadas pelo vento com uma força incrível. Neste mundo, não há lugar para tristezas. Nenhum lugar mesmo” (*idem*).

A cronicidade da solidão em Mikage é explicada no livro, que revela um passado sempre em contato com a aflição do luto da personagem. Em certo momento, é revelado de onde surge essa aflição: “Quando perdi meus pais, eu era criança. Quando vovô morreu, eu tinha um namorado. Quando vovó morreu, fiquei completamente só. Mas jamais me senti tão só como me sinto agora.” (Idem, p. 55). Nesse trecho, Mikage lamenta a sua perda mais recente, a de Eriko — mãe de Yuichi.

A solidão de Mikage, entrelaçada com seu processo de luto, revela uma luta constante entre o passado e o presente, entre a dor da perda e a busca por acolhimento. A cozinha, tanto da casa de Yuichi quanto do apartamento de sua avó, simboliza um refúgio onde ela tenta encontrar algum conforto e sentido em meio ao caos emocional. Através dessa narrativa, fica evidente que Mikage não apenas sofre pela ausência de seus entes queridos, mas também enfrenta o desafio de reconstruir sua vida em um cenário de desamparo e desorientação. Sua jornada nos mostra que, mesmo nas profundezas da solidão e da tristeza, há momentos de conexão e esperança, e que esses laços, por mais frágeis que pareçam, são fundamentais para superar a dor e encontrar um novo caminho.

A solidão de Mikage em *Kitchen* é intrinsecamente ligada ao seu processo de luto, que é uma constante em sua vida desde a perda de seus pais e, posteriormente, de sua avó e Eriko. Essa solidão não é apenas um estado emocional, mas também uma condição que permeia sua existência e define grande parte de sua jornada ao longo da narrativa. A cozinha, como o único lugar onde Mikage encontra algum conforto, funciona como um símbolo de sua tentativa de se reconectar com um sentido de pertencimento e segurança que foi quebrado pelas perdas que sofreu.

O processo de luto que Mikage vivencia é marcado por uma oscilação entre a depressão e a aceitação, que são as últimas etapas do luto descritas por Elisabeth Kübler-Ross. Diferente do processo linear e previsível, o luto de Mikage é fragmentado e imprevisível, refletindo a complexidade de suas emoções e o impacto profundo das perdas que sofreu. Sua escolha de se fixar nesses estágios pode ser vista como uma forma de autoproteção, uma tentativa de se adaptar a uma nova realidade em que a solidão é sua companhia constante.

A narrativa também revela como a solidão de Mikage vai além das perdas imediatas, tocando em um sentimento mais profundo de desconexão que ela carrega desde a infância. Suas reflexões sobre o caminho solitário que todos percorrem e a inevitabilidade da perda refletem uma visão melancólica e, ao mesmo tempo, realista da vida. No entanto, essa percepção não a impede de buscar consolo na presença de outros, como visto em seu reencontro com Sotaro, onde, apesar da atmosfera sombria, há uma tentativa de resgatar algum sentido de normalidade e vínculo.

A solidão de Mikage, portanto, é multifacetada. É, ao mesmo tempo, um estado de desespero e um espaço de introspecção e autodescoberta. Mesmo nos momentos mais sombrios, como quando o céu cinza-chumbo parece refletir sua angústia interior, há uma luta interna para encontrar luz e significado. A cronicidade dessa solidão, alimentada por um histórico de luto e perdas, não a imobiliza completamente. Pelo contrário, ela a força a buscar novas formas de conexão, mesmo que sejam breves ou frágeis.

Essa luta constante entre o isolamento e a busca por vínculos é o que define a trajetória de Mikage. A solidão, em sua vida, não é apenas um fardo a ser carregado, mas também um catalisador para mudanças e crescimento. Através de sua experiência, a narrativa de Yoshimoto oferece uma visão profunda sobre a natureza da solidão, mostrando que, embora seja uma condição difícil, ela também pode ser o impulso necessário para a transformação pessoal e a criação de novos caminhos na vida.

### 4.3. *A solidão do leitor*

As obras de Yoshimoto, ao abordar essas questões, ressoam profundamente não apenas nos leitores que experienciam ou experienciaram essas mesmas realidades, como a solidão e o luto em, mas também naqueles que não passaram por essas experiências. A solidão, portanto, não é apenas um tema pessoal para Yoshimoto, mas um reflexo de uma condição social mais ampla, permitindo a criação de um vínculo mais universal.

A fim de tentar explicar qual seria a solidão do leitor, vamos, primeiramente, esclarecer que, diferente das solidões da autora e da protagonista da obra, esta é um pouco mais subjetiva, ou seja, ela é complexa demais para ser definida em uma coisa só. Portanto, para fins mais didáticos, decidi abordar dois pontos de vista diferentes para a análise da solidão do leitor, um geográfico e outro pessoal — baseada nos estudos de Maurice Blanchot.

#### 4.3.1. Ponto de vista geográfico

O fator geográfico para esta análise se dará da mesma forma usada pelo Akiyoshi Suzuki, o qual mencionamos anteriormente quando falamos sobre a universalização de *Kitchen*, e por Michael O’Sullivan, que, no capítulo 6 de seu livro *Cloneliness On the Reproduction of Loneliness* (2019), fala sobre o que difere

a solidão da região Oriental da Ocidental; ou seja, visto que ambos usam essa divisão regional, por isso a importância de adotá-la também aqui, na análise da solidão do leitor.

O’Sullivan nos dá um apanhado bibliográfico sobre as características da solidão advinda do individualismo que se alastrou pelo ocidente durante a Era Moderna, e, em seguida, nos mostra a diferença entre essa solidão e a ocidental. Ele nos mostra que autores como Natsume Soseki, Takeo Doi e Kitarō Nishida descrevem um tipo totalmente diferente de solidão na sociedade japonesa. O’Sullivan escreve:

Recentes trabalhos de Haruki Murakami discutem novas metáforas para a solidão. Recentes *trends* e práticas em sociedades, como os *hikikomori* (pessoas que se isolam de outras), *kodokushi* (a morte solitária), e, até mesmo, o “salary men” podem ter suas origens, ou suas raízes na sociedade japonesa. Psiquiatras como Takeo Doi tem destacado a bastante as diferenças entre culturas na relação entre o indivíduo e a sociedade. Entretanto, essas distinções normalmente se tornam mais claras e seus contextos mais aparentes em representações dessas diferenças nas ficções. Descrições da solidão, do individualismo, e do vazio em autores como Soseki e Kitaro Nishida são também representações das diferenças entre esses autores e seus existencialistas contemporâneos europeus em temas como a identidade (2019, p. 116, tradução nossa).

Para O’Sullivan, os japoneses, de certo modo, têm dificuldade de pensar em si mesmos em momentos que, para o Ocidente, seria natural. Citando a autor Soseki, O’Solliva diz: Ao reconhecer então o nosso dever para com o país, a nação e a comunidade, ele (Soseki) diz que devemos ‘estabelecer uma forma de liberdade que possa ser exercida sem obstáculos até que comece a afectar outros’” (O’Sullivan, 2019, p. 122). Existe, portanto, um forte pensamento de nacionalismo e de grupo na sociedade japonesa que dá a ela uma perspectiva totalmente única sobre a solidão, um tipo de ideal cultural no qual o grupo é mais importante que o indivíduo. O’Sollivan explica: “Takeo Doi, por exemplo, escreve em seu trabalho de 1971 *The Anatomy of Dependence* que o Japão falhou em ‘estabelecer tanto a liberdade do indivíduo como sendo diferente do senso de grupo’ quanto ‘o tipo de espírito público que transcende do indivíduo e do grupo’” (*ibid.*, p. 113).

Essa perspectiva de solidão e de suas derivações são completamente diferentes das da sociedade Ocidental. O’Sullivan, descrevendo o pensamento de Larry Siedentop,<sup>9</sup> escreve:

A concepção igualitária da sociedade do Monarquismo viu a “unidade própria de sujeição – o verdadeiro sujeito das reivindicações na justiça” como o indivíduo ou “alma” em vez de “senhorios ou família patriarcal”, assim levando a um enfraquecimento das “reivindicações de família, clã e casta”. Siedentop então vê isso como uma influência sobre como o governo mais tarde emergiria como “não mais principalmente um governo sobre famílias, clãs ou castas”, mas como “governo sobre indivíduos” (*idem*).

Assim, vê-se claramente uma motivação mais voltada para o individualismo em si por parte da sociedade ocidental, que advém das raízes políticas sobre o indivíduo, diferente da oriental que leva mais em

---

<sup>9</sup> Filósofo Americano-Britânico.



conta o grupo e o país ao invés de si mesmo, um pensamento de dever estar sempre a serviço do outro, de não ser um peso para o outro.

Mas qual seria o foco de *Kitchen*? Banana Yoshimoto vai de encontro a uma perspectiva de solidão mais ocidental ou mais oriental? Bom, a resposta, na verdade, é os dois. *Kitchen* tem uma característica muito particular que a permite atingir tanto os leitores ocidentais quanto orientais, dialogando com ambos em seus específicos conceitos de solidão.

Prova disso são os diversos prêmios que a obra recebeu tanto no Oriente quanto no Ocidente, como os prêmios literários Izumi Kyoka e Kaien, no Japão, em 1988 e 1987; os prêmios Scanno Literary Prize, Fendissime Literary Prize e Literary Prize Maschera d'argento, na Italy, em 1993, 1996 e 1999; entre outros. Além dos prêmios de literatura, *Kitchen* foi o “*bestseller* em diversos países” (Suzuki, 2022, p. 76), além de ter ganhado uma adaptação para o cinema pelo diretor Yim Ho em Hong Kong, sendo oficialmente passado no Festival Internacional de Filmes de Berlim, em 1997 (cf. *Idem*).

Akiyoshi Suzuki afirma, primeiramente, que o público-alvo de *Kitchen* são os jovens, o que óbvio, quando pensamos na faixa etária dos protagonistas. E isso, de acordo com Suzuki, ajudou muito a autora no sentido de que tanto ela quanto Mikage estavam cercadas de um pensamento jovem daquela época chamado de “cool” (cf. *idem*), um pensamento mundial da juventude da época que tinha apreço e fascínio por coisas e pessoas consideradas legais: “A atitude dele (Yuichi) foi super *legal*, eu senti que poderia confiar nele” (Yoshimoto, 1993, p. 4).

E esse pensamento também moveu os jovens da época, um pensamento de que eles poderiam superar as coisas por si mesmos, ser legais. Mas esse pensamento, majoritariamente ocidental, de Mikage, entra totalmente em conflito com o seu pensamento e sociedade ocidental, que, como vimos, pensa mais no grupo do que em si mesmo. Assim, é possível ver características ocidentais e orientais que se contrastam muito bem em *Kitchen*, como forma de abraçar a solidão dos leitores ocidentais e orientais.

#### 4.3.2. Ponto de vista pessoal

O leitor, assim como disse também Blanchot, ao se envolver com a obra, entra em um espaço de solidão no qual a linguagem e o silêncio da obra revelam aspectos fundamentais da existência, que, devido à temática de *Kitchen*, se fortalece ainda mais, avançando do espaço literário para o espaço pessoal, no qual o leitor contemporâneo pode se enxergar, enxergar sua própria solidão. Solidão essa que, obviamente, vai variar de leitor para leitor.

Para Blanchot, ambos, escritor e leitor, compartilham da mesma posição perante a obra, mas são, ao mesmo tempo, únicos:

Ambos únicos: só tendo existência por essa obra e a partir dela; não sendo, por certo, o autor em geral de poemas variados, nem o leitor que tem gosto pela poesia e lê uma por uma, com compreensão, as

grandes obras poéticas. Mas únicos: isso quer dizer que o leitor não é menos “único” que o autor, pois também ele é aquele que, de cada vez, diz o poema como novo, e não como rédito, já falado e já ouvido (Blanchot, 1987, p. 228).

Assim, já que compartilham do mesmo “destino” perante a obra, eles também compartilham da mesma solidão: “A obra é solitária: isso não significa que ela seja incomunicável, que lhe falte o leitor. Mas quem a lê entra nessa afirmação da solidão da obra, tal como aquele que a escreve pertence ao risco dessa solidão”.

Pode-se dizer então que, por participar de um processo inerentemente solitário (o da autora) e por entrar em um espaço literário no qual reina a solidão e o luto (o de Mikage), também o leitor pode se ver abraçado por uma solidão.

A solidão do leitor não é definível, não é única, não é objetiva; pelo contrário, ela é indefinível, múltipla, subjetiva, mas ela está lá, seja no seu íntimo, seja no processo solitário da autora que, por meio de sua obra, a transmite. Esses são os leitores que, possivelmente, se veem na solidão de Mikage, pois dela também é a solidão da autora, que está sempre em uma troca íntima de sentimentos com o leitor — aquele que termina de pintar um grande quadro que não pode ser terminado apenas pelo seu artista: “O espaço que não pode ser preenchido, por mais alegre que seja uma criança e um idoso vivendo juntos — o silêncio mortal que, ofegante num canto da sala, abre caminho como um arrepio. Eu senti isso muito cedo, embora ninguém tenha me contado sobre isso” (Yoshimoto, 1993, p. 21). Que espaço vazio é esse sobre o qual nos fala Mikage? Pode o o leitor e a autora possuírem o mesmo vazio, a mesma solidão?

É importante também considerar como esse sentimento de solidão na literatura pode estar refletido na própria estrutura e estilo da obra de Yoshimoto. A linguagem minimalista e introspectiva de *Kitchen* cria um espaço no qual o leitor pode se perder em seus próprios pensamentos e emoções, encontrando um eco de suas próprias experiências de solidão e perda. Esse espaço literário se torna um espelho para o leitor, permitindo uma introspecção que é, ao mesmo tempo, pessoal e universal. Reforçando-se assim o argumento de Blanchot de que a solidão do escritor é transmitida através da obra e reencontrada pelo leitor, que a reconhece como sua própria.

No contexto contemporâneo, no qual a solidão pode ser exacerbada por fatores como a urbanização, a tecnologia e a fragmentação das relações sociais, a obra de Yoshimoto oferece uma ressonância especial. O leitor moderno, pode, muitas vezes, se encontrar imerso em um mundo de conexões superficiais e de relações efêmeras, assim, ele encontra na solidão de Mikage um reflexo de suas próprias vivências. A solidão na obra de Yoshimoto, então, não é apenas um tema, mas uma experiência compartilhada e quase ritualística, na qual autor e leitor se encontram em um espaço comum de entendimento silencioso.

Dessa forma, em um ponto de vista mais voltado para a solidão na obra, que é abraçada tanto pela Yoshimoto quanto pelos seus leitores pode ser vista como uma forma de resistência contra a superficialidade da vida moderna. Ao abraçar a solidão e o luto, tanto a autora quanto o leitor rejeitam a ideia de que o valor

da vida está apenas nas conexões externas e nas distrações fugazes. Em vez disso, encontram profundidade, autenticidade e uma conexão verdadeira consigo mesmos e com os outros, através da experiência compartilhada a solidão na literatura.

A solidão do leitor ao se envolver com a obra *Kitchen* de Banana Yoshimoto é uma experiência profunda e multifacetada, que ressoa tanto no nível pessoal quanto no social. A solidão abordada por Yoshimoto não apenas ecoa nas experiências de luto e isolamento da protagonista Mikage, mas também se estende ao leitor, que se encontra em um espaço literário de introspecção e reconhecimento.

Do ponto de vista geográfico, a análise da solidão do leitor pode ser dividida entre as perspectivas ocidentais e orientais, conforme discutido por autores como Michael O'Sullivan e Akiyoshi Suzuki. A solidão no contexto ocidental, fortemente marcada pelo individualismo, contrasta com a solidão oriental, que é mais ligada ao senso de grupo e à repressão cultural. Em *Kitchen*, Yoshimoto habilmente combina elementos de ambas as culturas, permitindo que a obra dialogue com leitores de diferentes origens. O reconhecimento internacional da obra, que recebeu prêmios tanto no Japão quanto no Ocidente, é uma prova da sua capacidade de transcender barreiras culturais e abordar a solidão de uma forma universal.

Yoshimoto, ao criar uma protagonista jovem e moderna como Mikage, que reflete pensamentos “cool” e autossuficientes, insere características ocidentais no contexto cultural japonês. Essa dualidade permite que a obra abrace tanto a solidão individualista dos leitores ocidentais quanto a solidão mais coletiva e cultural dos leitores orientais. A narrativa, portanto, oferece uma ponte entre essas duas formas de solidão, tornando-se relevante e acessível a um público global.

A solidão observada do ponto de vista pessoal, conforme discutido por Maurice Blanchot, a leitura é em si um ato solitário que conecta o leitor à solidão do autor. Blanchot argumenta que tanto o escritor quanto o leitor compartilham de uma solidão inerente ao processo criativo e ao ato de leitura. Ao ler *Kitchen*, o leitor entra em um espaço onde a solidão de Mikage, que é também a solidão de Yoshimoto, é vivenciada de maneira única e subjetiva. Essa solidão literária se torna um espelho para o leitor, que, ao se envolver com a obra, encontra ressonâncias de suas próprias experiências e emoções.

No contexto contemporâneo, onde a solidão pode ser intensificada por fatores como a urbanização e as relações sociais fragmentadas, a obra de Yoshimoto ganha uma ressonância especial. O leitor moderno, muitas vezes imerso em conexões superficiais, pode encontrar na solidão de Mikage um reflexo de suas próprias vivências. A solidão em *Kitchen*, portanto, não é apenas um tema explorado na narrativa, mas uma experiência compartilhada que se torna quase ritualística, na qual autor e leitor se encontram em um entendimento silencioso.

Por fim, a solidão abordada em *Kitchen* pode ser vista como uma forma de resistência à superficialidade da vida moderna. Tanto Yoshimoto quanto seus leitores rejeitam a ideia de que o valor da vida reside apenas nas conexões externas e nas distrações passageiras. Ao contrário, encontram profundidade, autenticidade e uma conexão mais verdadeira consigo mesmos e com os outros, por meio da experiência

compartilhada da solidão literária. Esse encontro entre autor e leitor, mediado pela solidão, revela a força da literatura como um meio de explorar e compreender as complexidades da condição humana.

## 5. O PAPEL DO DIALOGISMO EM *KITCHEN*

Agora que já vimos como se dão as solidões para a autora, para a protagonista e para o leitor, vamos para o embasamento primeiro desta pesquisa, o dialogismo. Mais especificamente, como se dá o dialogismo entre essas três pessoas que criam esse vínculo empático através de suas respectivas solidões nesse grande espaço literário que é *Kitchen*.

Para a literatura, o dialogismo, conceito introduzido por Mikhail Bakhtin, se refere à multiplicidade de vozes presentes em um texto, que, por sua vez, se relacionam entre si em um constante estado de interação e influência mútua. Em narrativas contemporâneas, especialmente nas obras de Banana Yoshimoto, o dialogismo é um elemento central para a construção de significados e para o estabelecimento de vínculos entre autor, personagens e leitores.

Em *Kitchen*, a voz de Mikage, como narradora, não é apenas um veículo para a história, mas um ponto de encontro de diversas influências e perspectivas. Sua narrativa é permeada por suas interações com Yuichi, Eriko e outros personagens, cada um trazendo suas próprias vozes e experiências. Essa polifonia enriquece a narrativa e cria um espaço de interação contínua, no qual o leitor é convidado a participar desse diálogo interno e externo.

A utilização do dialogismo permite que os temas abordados por Yoshimoto, como a solidão, o luto e a identidade, sejam explorados de forma profunda e multifacetada. A interação entre as vozes dos personagens revela diferentes perspectivas sobre essas questões, tornando a narrativa mais complexa e realista. Além disso, o dialogismo facilita a conexão emocional entre o leitor e os personagens, uma vez que as múltiplas vozes refletem a diversidade de experiências humanas.

Mas o que seria, de fato, uma análise de *Kitchen* sob uma ótica dialógica? Para responder essa pergunta, entendamos primeiro o que é o dialogismo e como podemos analisá-lo em estudos literatúrios.

Deve-se, primeiramente, assim como assinala Beth Brait em seu artigo *Bakhtin e a Natureza Constitutivamente Dialógica da Linguagem*, entender a importância da subjetividade e complexidade dos estudos e da teoria dialógica de Bakhtin nesta pesquisa, pois é por causa desse olhar subjetivo e complexo que o dialogismo pode servir de base para diversos campos, não só para linguística ou para a literatura.

Se os termos sentido e significação têm, para os estudos linguísticos em geral, diversas possibilidades de enfoque, no quadro da produção de Bakhtin, tanto nas obras que são por ele assinadas quanto nas que lhe são atribuídas apesar das várias assinaturas, a dificuldade de situar esses conceitos é bastante grande, levando-se em conta o fato de Bakhtin ter diante do mundo e particularmente diante da linguagem uma postura que articula estética, ética e diferentes pressupostos filosóficos, não permitindo

que suas reflexões sobre o sentido sejam sistematizadas unicamente sob uma perspectiva linguística ou mesmo linguístico-literária (Brait, 2005, p. 87-88).

Entretanto, sabe-se também que o dialogismo, mesmo sendo uma teoria não sistemática e subjetiva, diz respeito, por um lado, ao contínuo diálogo que existe entre comunidades, sociedade, culturas etc.; e, por outro lado, entre o “eu” e o “outro” nos processos discursivos (cf. *ibid.*, p. 94 e 95), conceitos mais sólidos e definíveis do ponto de vista analítico. Mas são essas obscuras e indefiníveis do dialogismo que fazem dele uma excelente base de análise para diversas áreas de pesquisa.

De acordo com Pinheiro (2020), que aplica uma ótica dialógica ao estudo do ensino através do teatro, explica que o que define o dialogismo, mais especificamente o “ser dialógico”, em sua infinita gama de aplicações, “não é a oposição ao monológico, mas os confrontos que existem com relação à visão de mundo entre duas pessoas, conforme espreitamos no espaço entre educando e educador, de onde resultam diferentes posicionamentos” (Pinheiro, 2020, p. 22).

Para Pinheiro, existe um benefício claro ao usar da lógica dialógica para repensar o ensino em sala de aula, e que o teatro, através da sua pesquisa, se mostrou bastante eficaz para tal análise:

Repensar a dinâmica da sala de aula, a partir do olhar de Bakhtin, nos faz olhar essa relação como algo dialógico, pois há o “enfrentamento” entre dois sujeitos. Assim, a construção do conhecimento passa a ser uma construção de partilha, coletiva, em que o outro é sempre necessário. (...) Portanto, faz-se necessário ter atenção ao jogo de simetrias e assimetrias que pode ocorrer nas relações, sem medo de conviver com a diversidade e a diferença (*Idem*).

Essas reflexões levantadas por Pinheiro, mesmo não sendo do escopo desta pesquisa — de análise literária —, nos confirma algo que já levantamos anteriormente: A coletividade necessária entre autor, protagonista e leitor.

Pinheiro, pautada nos pressupostos de Bakhtin (2012) discute o ponto que podemos relacionar com nosso estudo a questão da incompletude. Mas como assim a incompletude? Vimos anteriormente que existe uma ideia por trás da completude de uma obra. Tal ideia, levantada por Blanchot, diz que o autor nunca termina a obra, ele está sempre em busca da realização, realização essa que está no outro, ou seja, na pessoa que está do lado oposto do diálogo. É essa pessoa que completará esse ciclo, é ela quem finalizará a obra: “Dessa forma, o outro é que complementa o eu. Isso equivale a dizer que o escritor/autor, pela posição distanciada ao construir suas personagens, extrapola sua própria visão, tornando-as personagens inacabadas, que necessitam do outro para se saber quem elas são” (*ibid.*, p. 23).

E é exatamente essa análise de uma visão dialógica, a qual defendo nesta pesquisa. A necessidade do outro é o próprio diálogo que existe entre, no caso de *Kitchen*, autor e leitor, conversa esta que está vinculada, por sua vez, à protagonista da obra, que precisa da completude existente entre escritor e leitor.

Dito isso, é importante também pensar no meio social como influência. As influências culturais e sociais que permeiam a narrativa de Yoshimoto são um reflexo das interações contínuas entre o Oriente e o

Ocidente — como vimos anteriormente —, e entre diferentes gerações e subculturas dentro do Japão — principalmente quando pensamos o Japão contemporâneo em constante mudança em virtude da globalização. Essa dinâmica dialogal espelha a realidade dos leitores, que também vivem em um mundo de múltiplas vozes e influências.

Através do dialogismo, assumo que Yoshimoto não apenas narra uma história, mas também cria um espaço de encontro e troca entre o autor e o leitor. Esse vínculo é essencial para a relevância e o impacto duradouro de suas obras. O leitor não é um mero receptor passivo, mas um participante ativo no processo de construção de significados, o que torna a experiência de leitura mais envolvente e significativa.

O papel do dialogismo, como discutimos, é fundamental para a criação de um vínculo profundo entre autor e leitor. Ele enriquece a narrativa, proporciona uma exploração multifacetada dos temas e reflete a complexidade da experiência humana em um mundo globalizado. Por meio do dialogismo, Yoshimoto consegue criar histórias que ressoam entre os leitores de forma pessoal e universal, estabelecendo uma conexão duradoura que transcende as barreiras culturais e temporais.

Para além das interações explícitas na narrativa, o dialogismo em *Kitchen* também opera em um nível simbólico, onde a própria estrutura do texto se torna um espaço de diálogo. Yoshimoto utiliza elementos da cultura japonesa e ocidental, não apenas como pano de fundo, mas como forças ativas que se entrelaçam e influenciam a experiência dos personagens e, conseqüentemente, dos leitores. Essa mistura cultural é, em si, uma forma de dialogismo, onde diferentes tradições e valores se encontram, criando uma narrativa que ressoa em diversas culturas e contextos. Esse processo reflete a realidade de um mundo globalizado (característica da sociedade contemporânea), onde identidades e experiências são constantemente negociadas e redefinidas.

Além disso, o uso de uma linguagem minimalista por Yoshimoto contribui para a criação de um espaço de silêncio no texto, onde o não dito se torna tão significativo quanto o que é explicitamente articulado. Esse silêncio, um elemento central na estética literária japonesa, principalmente quando pensamos nos movimentos artísticos do país, convida o leitor a preencher as lacunas com suas próprias interpretações e emoções, reforçando a natureza dialógica da obra. Através desse silêncio, *Kitchen* permite que múltiplas vozes, inclusive a do leitor, coexistam e se expressem, tornando a leitura uma experiência profundamente pessoal e interativa, como vimos em Blanchot. É nesse espaço de silêncio e sugestão que a solidão de Mikage encontra eco nas experiências dos leitores, criando uma conexão íntima e universal que transcende o texto.

Vejamos a seguir um pouco sobre a estética da obra, temática trabalhada por Bakhtin dentro de sua teoria dialógica, e, em seguida, sobre a aplicação da ótica dialógica na análise literária de *Kitchen*.

### 5.1. *A Estética em Kitchen*

A obra *Estética da Criação Verbal* (1997) de Mikhail Bakhtin oferece uma análise profunda das relações entre o autor e seus personagens, conceitos que podem ser aplicados ao estudo de Banana Yoshimoto e sua personagem Mikage em *Kitchen*. Bakhtin destaca a importância do dialogismo e da interação contínua entre o autor e o herói, permitindo que ambos se desenvolvam e se definam através dessa relação dinâmica. Em *Kitchen*, essa interação é fundamental para entender como Yoshimoto constrói a complexidade emocional de Mikage e, simultaneamente, como ela própria pode estar manifesta através de sua protagonista.

Banana Yoshimoto utiliza sua narrativa para criar um espaço no qual a voz de Mikage não é apenas um reflexo das intenções autorais, mas um diálogo constante com as próprias experiências e percepções de Yoshimoto, que tentam constantemente definir e dar uma completude a Mikage, tentativa essa que, para Bakhtin, vem de uma reação emotivo-volutiva do autor.

O autor não encontra uma visão do herói que se assinale de imediato por um princípio criador e escape ao aleatório, uma reação que se assinale de imediato por um princípio produtivo; e não é a partir de uma relação de valores, de imediato unificada, que o herói se organizará em um todo: o herói revelará muitos disfarces, máscaras aleatórias, gestos falsos, atos inesperados que dependem das reações emotivo-volutivas do autor (Bakhtin, 1997, p. 27).

Mikage, como heroína, é uma extensão da autora, expressando as angústias, os lutos e as reflexões sobre a solidão que provavelmente também são vivenciados pela própria Yoshimoto em suas reações emotivo-volutivas. Esse processo dialógico é essencialmente bakhtiniano, pois a autora não impõe suas ideias de forma unilateral, mas permite que Mikage tenha uma voz autônoma e interaja com o leitor de maneira autêntica.

A estética em *Kitchen* de Banana, conforme a entendemos através da lente bakhtiniana, não se limita à construção de uma narrativa envolvente, mas envolve a criação de um mundo onde a subjetividade de Mikage se torna um espaço de exploração e entendimento. Esse mundo é moldado pelas experiências de vida da autora e pelas respostas emocionais de Mikage, criando uma estética literária que é profundamente introspectiva e reflexiva. A relação entre autor e herói é, portanto, uma simbiose que enriquece a obra, proporcionando uma experiência de leitura que é, ao mesmo tempo, pessoal e universal.

A interação entre o autor e o herói também se manifesta na forma como Yoshimoto aborda temas sociais e culturais por meio de Mikage. Em consonância com a teoria de Bakhtin, na qual o herói é visto como um portador de significados sociais, Mikage se torna um veículo para explorar questões contemporâneas do Japão, como a solidão urbana, as mudanças nas estruturas familiares e a busca por identidade em um mundo em constante transformação. A estética de Banana é, portanto, uma interseção de pessoal e social, na qual as experiências individuais de Mikage refletem e comentam sobre a sociedade mais ampla que é a sociedade japonesa.

Além disso, vale notar também a linguagem utilizada por Yoshimoto, que se torna um componente essencial de sua estética. A prosa simples, porém lírica, de Yoshimoto, permite que a voz de Mikage ressoe de maneira autêntica e profunda. Bakhtin fala da importância da polifonia na literatura, onde múltiplas vozes coexistem e interagem. Em *Kitchen*, essa polifonia é presente não apenas na interação entre personagens, mas

na forma como a narrativa interna de Mikage pode dialogar com as percepções do leitor, criando uma textura rica e multifacetada na obra.

Finalmente, a estética de Banana Yoshimoto, vista através das lentes de Bakhtin, é uma celebração da subjetividade e da relação dialógica entre o autor e o herói. *Kitchen* não é apenas uma história de superação e crescimento pessoal, mas uma exploração estética das profundezas da condição humana. Ao permitir que Mikage se desenvolva como uma personagem complexa e autônoma, Yoshimoto cria uma narrativa que ressoa com a autenticidade da experiência vivida, convidando o leitor a participar desse diálogo contínuo e transformador.

A estética em *Kitchen* de Banana Yoshimoto, quando analisada sob a perspectiva de Bakhtin, revela também uma relação intrínseca entre forma e conteúdo. A estrutura narrativa, aparentemente simples, esconde uma profundidade que se desdobra através das camadas de interação entre o autor e sua criação. A estética bakhtiniana enfatiza a importância do “fora” do personagem — o ambiente e as situações que o cercam — como elementos que moldam a subjetividade do herói. Em *Kitchen*, a própria cozinha se torna um símbolo central, um espaço que transcende sua função física e se transforma em um lugar de refúgio e introspecção para Mikage. A cozinha, portanto, não é apenas um cenário, mas um elemento estético que dialoga com o estado emocional da protagonista e, por extensão, com o leitor.

## 5.2. *Como analisar Kitchen por meio de uma ótica dialógica?*

Passemos agora para uma breve discussão mais direta sobre como analisar *Kitchen* por meio da ótica dialógica de Bakhtin. Como esse dialogismo se dá na obra? Qual a importância de uma análise por essa perspectiva?

Como vimos anteriormente, a proposta desta pesquisa é, por meio da ótica dialógica de Bakhtin, realizar uma análise literária da obra *Kitchen*, explorando e definindo a possibilidade da existência de 3 solidões distintas, mas relacionadas entre si — uma da autora, uma da protagonista e uma do leitor.

Assim como expressou Brait, o dialogismo pode ser demonstrado através de duas características: uma que fala que o viés dos discursos sociais trespassa por diversas vozes — o que seriam as comunidades, culturas etc.); e outra que ocorre entre o “eu” e o “outro”, cujos discursos estão sujeitos a, de acordo com Bakhtin, um tom emotivo-volitivo.

Tendo isso em mente, a relação dialógica que pretendo levantar aqui é a que existe entre as três diferentes vozes e suas respectivas solidões no espaço literário criado em *Kitchen*, espaço este que tem como propósito compartilhar ideias e experiências, bem como conferir completude à obra, que, por natureza, é incompleta.



Essa perspectiva serve para reforçar a importância do vínculo com o “outro”, da importância de a obra ser incompleta e precisar do outro para alcançar sua completude plena; ou seja, para nos afirmar como seres dependentes um do outro, no sentido de que a comunicação, a linguagem, o diálogo são de suma importância para todos.

Assim, vemos a importância desse tipo de perspectiva para uma análise literária, que, no caso desta, busca entender a ligação entre autor, protagonista e leitor através da solidão, sentimento tão explorado nas narrativas de Banana Yoshimoto.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos, por fim, ao final da nossa análise, que, com sua intenção modal — de comprovação ou não —, ou seja, de cunho teórico, tentou sintetizar, a partir de uma ótica dialógica, a existência de três diferentes solidões, uma associada à autora, à heroína e ao leitor.

Falamos sobre a obra em si, *Kitchen*, e das influências da autora, que vieram, em sua maior parte, da sua família. Discutimos também sobre a influência da obra no Japão e, principalmente, no Ocidente, movimento que a classifica, segundo Akiyoshi Suzuki, como uma obra universal; falamos também sobre os diferentes tipos de solidão e o papel do dialogismo para a nossa análise.

Tendo construído e abordado todos esses tipos de solidão, podemos, portanto, concluir que a ótica dialógica é extremamente adequada para este tipo de pesquisa, principalmente quando, conforme vimos ao longo desta pesquisa, o dialogismo nos mostra a importância do “eu” estar vinculado com o “outro”, assim como a autora e o leitor de *Kitchen* estão vinculados entre si através da obra (*Mikage*), em um vínculo formado por suas solidões.

O diálogo é sempre constante, e entender como ele funciona, principalmente dentro do espaço literário criado por Banana, é extremamente importante, pois podemos analisar e entender diversas temáticas importantes e pouco exploradas na análise literária como a solidão, o luto, a morte etc., a fim de não só entender como elas funcionam dentro da obra, mas como elas afetam o autor e o leitor.

Assim, julgo proveitosa e significativa esta pesquisa quanto análise para responder à pergunta inicial de pesquisa. *Kitchen* é uma obra e, para fins de pesquisas, uma ferramenta de análise de fato extremamente importante, pois nos ajuda a entender como se relacionam autor e leitor por meio de um sentimento tão complexo como a solidão. E, por fim, julgo também válida a minha afirmação de que, subjetivamente, existem 3 solidões nesse grande espaço literário, e que é através desses sentimentos que a teoria bakhtiniana pode ser usada como base para análise, a fim de entender a importância de abordar temáticas como a solidão na literatura contemporânea.

Em síntese, *Kitchen* e outras obras contemporâneas japonesas são uma mina de ouro para esses tipos de análises, que buscam explicar as influências trazidas pela literatura ao mundo real, como elas podem nos ajudar a entender os problemas sociais e, também, como podem nos ajudar a terminar de escrever essa grande obra de arte que é a vida!

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Americans Anticipate Higher Stress at the Start of 2023 and Grade Their Mental Health Worse. **APA**, 21 dez. 2021. Disponível em: [bit.ly/3y4z3p2](https://bit.ly/3y4z3p2). Acesso em: 21 jul. 2024
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Tradução de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 87-98.
- CACIOPPO, John T.; PATRICK, William **Loneliness: Human Nature and the Need for Social Connection**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1º ago. 2009.
- CRESWELL, John W. **Research Design: Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches**. 4. ed. California: SAGE Publications, 2014.
- GRAMLICH, John. Mental health and the pandemic: What U.S. surveys have found. **Pew Research Center**, 2 mar. 2023. Disponível em: [bit.ly/3Wbg9ot](https://bit.ly/3Wbg9ot). Acesso em: 21 jul. 2024.
- KELLERMAN, Robert. A room of Her own in Banana Yoshimoto's Kitchen. **Pacific Asia Inquiry**. Augusta: University of Maine at Augusta, v. 1, n. 1, 2010.
- KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer: O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. São Paulo: M. Fontes, 2008.
- NORONHA, Heloísa. “Quem não chora não liga”: mitos sobre luto que todo mundo deveria saber. **Viva Bem**, 25 maio 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/05/25/luto-mitos-sobre-esse-processo-doloroso-que-todo-mundo-deveria-se-livrar.htm?next=0001H288U11N.%3E>. Acesso em: 21 jul. 2024.
- OLIVEIRA, Kaynã. Japão cria “Ministério da Solidão” para lidar com aumento de taxas de suicídio na pandemia. **Jornal da USP**, São Paulo, 2021. Disponível em: [bit.ly/3Lps6lC](https://bit.ly/3Lps6lC). Acesso em: 05 maio 2024.
- PINHEIRO, Kimiko Uchigasaki. **Educação Literária com Teatro: leitura cênica do travesseiro dos sonhos uma peça das peças do nô moderno de Yukio Mishima**. 2020. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília, 2020.
- REDAÇÃO BRASIL PARALELO. Quais são as principais reivindicações do movimento feminista? **Brasil Paralelo**, 18 abr. 2022. Disponível em: [bit.ly/4fe5WQY](https://bit.ly/4fe5WQY). Acesso em: 21 jul. 2024.
- REZENDE, Eduardo de. O Que é Dor Social? **PsicoEdu**, 2020. Disponível em: [bit.ly/3S6yC49](https://bit.ly/3S6yC49). Acesso em: 13 jun. 2024.
- SAITO, Masashige *et al.* Cross-national comparison of social isolation and mortality among older adults: A 10-year follow-up study in Japan and England. **Geriatrics & Gerontology International**, 2020. Disponível em: <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10118069/1/Saito-2020-Crossnational-comparison-of-social-.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2024.
- SUZUKI, Akiyoshi. A dream kitchen for the youth in the East and the West: Banana Yoshimoto's Kitchen. **Journal of East-West Thought**. Califórnia: IAES, 2022, v. 12, p. 75-90.
- TEZZA, Cristóvão. A construção das vozes no romance. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 209-217.

YOSHIMOTO, Banana. **Kitchen**. Nova Iorque: Grove Press, 1993.